

A restrição do tempo verbal na alternância indicativo/subjuntivo

Hebe Macedo de Carvalho¹

Resumo: Este estudo analisa a influência do tempo verbal na seleção dos modos em orações subordinadas substantivas. Tem como objetivo analisar amostras de língua falada e compreender de que maneira os grupos de fatores tipos de verbos da oração principal e tempo verbal atuam sob a alternância modal. Os dados de fala foram coletados em forma de entrevista nos moldes labovianos e analisados a partir de rodadas feitas no VARBRUL (PINTZUK, 1988). Os resultados sugerem que o tempo verbal das orações exerce forte influência na seleção da forma indicativa ou subjuntiva das orações subordinadas, contudo apontam também para a correlação com as modalidades de volição, avaliação/opinião, certeza expressas nas proposições.

Palavras-chave: Alternância indicativo/subjuntivo. Tempo verbal. Variação.

Abstract: This study examines the influence of the tense in the selection of modes in subordinate clauses. Its objective is to analyze samples of spoken language and understand how groups of factors of types of main clause verbs and tense work in the modal alternation. The speech data were collected in an interview in the manner labovianos and analyzed from rounds made in VARBRUL (PINTZUK, 1988). The results suggest that the tense of the sentences has a strong influence in the selection of indicative or subjunctive form of subordinate clauses. In general, there is a strong correlation between tense, mode and variation of modes indicative/subjunctive.

Key words: Alternating indicative/subjunctive. Tense. Variation.

1 INTRODUÇÃO

É possível encontrar na tradição gramatical referência à alternância do modo em português. Em geral, a gramática tradicional, ao tratar do assunto, apresenta uma listagem de verbos que favorecem o emprego de um modo ou outro. Desse forma, verbos como *crer*, *acreditar*, *pensar* podem selecionar o indicativo ou subjuntivo na oração encaixada, já verbos como *querer*, *desejar* selecionarão o subjuntivo. A gramática atribui o emprego do modo da oração subordinada ao tipo de verbo da oração principal.

Os trabalhos de natureza variacionista (POPLACK, 1992; ROCHA, 1997; DOMINGOS, 2004; CARVALHO, 2007) que investigaram os possíveis condicionadores da alternância, em dados da língua falada, constatam que o tipo de verbo da oração principal é realmente motivador do uso do modo em orações subordinadas do português, contudo esses estudos demonstram que outros fatores motivam a alternância modal em orações complexas.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Unidade Acadêmica de Letras/Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: macedohebe@hotmail.com

Este artigo busca compreender a influência da variável tempo verbal da oração principal no emprego do modo em orações complexas, especificamente orações subordinadas substantivas. Investigamos em que medida o tempo verbal da oração subordinada restringe a alternância de modo nessas orações.

O *corpus* em análise foi coletado na região do Cariri, situada ao sul do estado do Ceará, compreende 60 informantes estratificados em sexo, faixa etária e escolaridade. Coletamos dados de Crato, Juazeiro, Barbalha, Nova Olinda e algumas cidades circunvizinhas. Os dados de fala são entrevistas gravadas, nos moldes labovianos.

O fato de o *corpus* se constituir de amostras de falas de cidades diversas que compõem a comunidade de fala de uma região e não uma cidade especificamente justifica-se por ser essa região caracterizada pela proximidade das cidades entre si, de forma que zona rural e zona urbana se interpenetram, compondo uma espécie de cornubação, nas palavras de Seraine (1972, p. 11) não só nas duas cidades de Crato e Juazeiro, mas em todas as outras do Cariri, as partes urbana e rural dos municípios se acham em intercâmbio permanente, se interpenetram culturalmente, de maneira contínua, cabendo ainda notar a realização, na maioria delas, de feiras semanais, que são ponto de atração constante dos rurícolas, moradores em vilas, sítios e fazendas próximas.

Optamos pelo estudo da comunidade do Cariri dada sua importância histórica no estado, por sua reconhecida “cultura popular” tradicional que preserva traços regionais específicos que já se perderam em outras regiões do Ceará. São ainda poucos estudos acerca da fala dessa região.

A análise a ser empreendida tem como pressuposto a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972; 1994; 2001). Busca descrever a língua e seus determinantes sociais e linguísticos, bem como concebe a variação inerente ao sistema linguístico.

Este estudo parte da hipótese, com base em Givón (1984), de que Tempo, Aspecto e Modalidade (TAM) constituem uma categoria obrigatória sem a qual sentenças simples não podem ser produzidas e que se entrecruzam, do ponto de vista sintático-semântico para a expressão de sentido da proposição. Os tempos verbais sob controle foram aqueles que localizamos no *corpus* em estudo, conforme podem ser evidenciados na seção denominada *análise dos dados: resultados*.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Em geral, a tradição gramatical atribui à categoria de modo às diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude de certeza, de dúvida, de suposição, de mando da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia (cf. CUNHA; CINTRA, 1985). Atribui ao modo indicativo a atitude de certeza do falante quanto ao que declara e ao subjuntivo atitude de incerteza, dúvida ou desejo frente ao conteúdo enunciado.

Ribeiro (1914), um dos gramáticos da tradição normativa, ao apresentar os modos indicativo e subjuntivo, atribui seu emprego, em orações subordinadas, em função do tipo de verbo da oração principal. Assim, segundo o autor, usa-se o indicativo quando o verbo da cláusula principal exprime modo de *pensar, crença,*

aparência. Quando o verbo da oração principal exprime *surpresa, admiração, vontade, desejo, consentimento, proibição, negação, dúvida, receio, apreensão, ordem*, o verbo da oração subordinada põe-se no subjuntivo. Quando a sentença subordinada está ligada por um dos pronomes conjuntivos *que, qual, cujo*, o autor aconselha examinar se a sentença subordinada exprime *cousa positiva* ou *cousa incerta*. O que o autor chama de *cousa positiva* ou *cousa incerta* remete ao conhecimento do falante perante o que enuncia. A partir disso podemos pressupor que o emprego do modo não segue apenas a direção da expressão semântica do verbo da oração principal.

Said Ali (1966) explica que o verbo poderá ir para o subjuntivo em função da presença da negação na oração ou da dúvida expressa acerca da existência de pessoas ou coisas. Em orações substantivas cujo fato expresso é tido como real, o verbo pode vir no indicativo ou no subjuntivo.

Observa-se que a tradição gramatical já reconhece a possível variação dos modos indicativo e subjuntivo em determinados contextos. Esse fato aponta que a regra de uso dos modos em orações subordinadas não é tão simples e carece, ainda, de uma descrição e sistematização das ocorrências que possam apontar com mais detalhe outros motivadores linguísticos desse fenômeno.

Givón (1984; 1995; 2001) apresenta as categorias de Tempo (Tense), Aspecto e Modalidade (T-A-M) como categorias obrigatórias que se constituem de traços semânticos e pragmático-discursivos. Como traços semântico-lexicais eles refletem a estrutura significativa dos verbos. Como traços semântico-proposicionais eles codificam diversas facetas de estado, evento ou ação. E como traços pragmático-discursivos eles têm um papel crucial na sequência de proposições no discurso, em figura ou fundo, e em indicação das modalidades de tempo/certeza/probabilidade face ao contrato entre falante e ouvinte.

Associada a essas noções semânticas, Givón (2001, p. 305) estabelece uma relação entre Tempo, Aspecto e Modalidade, conforme quadro 1.

Modalidade	Tempo	Aspecto
Factual	Passado	Perfectivo
	Presente	Perfeito
Não-factual	Futuro	Progressivo
		Habitual
		Repetitivo

Quadro 1: Distribuição da modalidade em tempo e aspecto

Para o autor, as categorias de tempo e modalidade se correlacionam de forma que o tempo passado e o tempo presente exprimem modalidade factual por exprimirem eventos/estados ocorridos ou simultâneos ao momento de fala. O tempo futuro exprime modalidade não-factual por exprimir eventos/estados hipotéticos, possíveis, incertos não ocorridos.

O autor ressalta que as funções pragmáticas e semânticas da categoria T-A-M podem variar em função da dependência semântica das orações principais, bem como da integração sintático/estrutural entre oração principal e oração subordinada. Nesses casos, as categorias T-A-M podem ser inferidas a partir da informação pragmática ou

semântica da oração principal ou do contexto linguístico. Assim, quanto mais dependente for oração subordinada sintático-semântica/pragmática, em relação à oração principal, menos provável será que as marcas de TAM apareçam independentemente na sentença subordinada.

Esse artigo segue esse caminho apontado por Givón, no sentido de entender, a partir dos dados em análise, como os tempos verbais da oração encaixada se correlacionam com o modo verbal da encaixada, em orações subordinadas substantivas, ou seja, a alternância é possível em todos os ambientes linguísticos ou o tempo verbal restringe o uso do modo? Relacionado a esse estudo está o tipo de verbo da oração principal e os valores semânticos de avaliação/opinião, certeza, futuridade e desejo. Não trataremos nesse artigo da atuação do aspecto verbal sob o fenômeno.

3 METODOLOGIA

Os dados de fala sob análise constituem parte do *corpus* Português não-padrão do Ceará, sediado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Para este estudo foram selecionados 60 informantes, 30 do gênero feminino, 30 do gênero masculino, com faixa etária 15 -25 anos, 26 - 49 anos e informantes com mais de 50 anos com escolaridade 1-4 anos, 5-8 anos, 9-11 anos e mais de 11 anos. Após coleta e codificação, os dados foram submetidos ao programa computacional VARBRUL (PINTZUK, 1988), modelo estatístico que opera com regras variáveis, associa um peso relativo a cada um dos fatores, indica seu efeito sobre um dado fenômeno de realização variável e prevê a probabilidade global de “aplicação da regra” na presença de um conjunto de fatores.

Esse *corpus* faz parte do Projeto Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações - PROFALA2 - que visa disponibilizar um banco de dados sobre o português falado no Ceará que possibilite a descrição e análise dos aspectos fonético-lexicais, morfossintáticos, semânticos e pragmáticos da fala cearense, numa visão sociolinguística e discursiva.

As entrevistas foram feitas em cidades e lugarejos da região do Cariri, especialmente Barbalha, Nova Olinda, Juazeiro, Várzea Alegre, Altaneira, Crato e Mauriti, em áreas geográficas da zona urbana. Conforme explicitado na introdução, a região do Cariri constitui uma grande comunidade de fala.

4 ANÁLISE DOS DADOS: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, apresentamos os verbos categorizados na oração principal e o percentual de uso do modo subjuntivo. Este grupo de fatores foi categorizado em função do tipo de verbo recorrente no *corpus*. Os resultados encontram-se na tabela, a seguir.

Tabela 1: Tipo de verbo da oração principal no uso do subjuntivo

² Cf. < <http://www.profala.ufc.br>>. Acesso em: 28 out. 2009.

Fatores	Ocorrência do subj.	Total	%
1. Querer/Esperar (ter expectativa/Desejar)	64	67	96%
2. Achar	20	207	10%
3. Dizer	9	73	12%
4. Ver	1	19	5%
5. Acreditar	13	37	35%
6. Pensar	2	14	14%
7. É Certo que ...	5	24	21%
8. É importante que/É bom que/	5	6	100%
Total	119	447	27%

Os verbos querer, esperar (ter expectativa), desejar foram contabilizados juntos por carregarem, nos contextos de análise, traços semânticos semelhantes, ou seja, da ordem do querer.

A seguir apresentamos os exemplos que ilustram os contextos de análise.

1. Querer/desejar/esperar

A) [...] e essa minha irmã com quem eu moro' Michele' tem treze anos, é **ESPERO** que ela **TERMINE** o estudo dela' já está fazendo a 8ª série tudo que eu posso fazer por ela eu estou fazendo e quero que ela (+) **CHEGUE** a uma Universidade e **CONSIGA** fazer (+) uma um / (+) **TENHA** um emprego bom pra ela sobreviver' (MLA, f, F2, E5)³.

2. Achar

B) Eu **ACHO** que (a TV) **ESCANDALIZA** muito as crianças devia ser como antes que tinha um horário só para adultos, né? (MLO, f, F2, E2).

3. Dizer

C) os médicos sempre **DIZEM** que eu **TRATE** ela normal como toda pessoa, também ela é normal, mas por sinal ela trabalha, ela tem esse problema, mas ela trabalha, agora mehmoo ela ela tava trabalhando e saiu ... (EMN, f, FIII, E4).

4. Ver

D) Eu **VIA** que num **DAVA** **TÃO** certo assim, que eu tinha que mudar meu jeito, comecei a ler livros ... assim... introduzir um pouco mais na minha vida/ a filosofia, assim as poesia de vida, filosofia de vida' então eu aceitei o Kung Fu (JBX, M,FI, 9).

5. Acreditar

E) **DOC**: O que você acha da Igreja Católica?

INF: É: eu **ACREDITO** que: ela **SEJA**/ ela **SEJA** ótima pra vida... (APT, m, F2, E3).

6. Pensar

F) **INF**: Não, eu acredito que: tudo que a igreja faz é: tentando ajudar aos pobres, agora: tem muita gente aí que não pensa como eu, acha que aí é só pra conseguir fiéis, mas eu não, eu **PENSO** que elas **QUEREM** ajudar todo mundo (ERS, m, F1, E1).

7. É certo que

³ As letras e números entre parênteses são referentes às identificações sociais do informante.

G) *É certo que eu FAZIA alguma coisa¹ que eu TRABALHAVA/ eu trabalhava muito ... (JRS - M - FIII - 0).*

8) **É importante que**

H) *É importante é que você CONHEÇA a sua religião pra poder você tocar no assunto de religião (JAF - M - FII - 9 A 11).*

As orações exemplificadas acima ilustram os contextos linguísticos deste estudo. Faz-se importante dizer que coletamos orações substantivas com verbos que favorecem o uso do subjuntivo e do indicativo na subordinada, como verbos do tipo *pensar, acreditar, achar* e verbos que aceitam na subordinada um ou outro modo. Também coletamos verbo do tipo *saber* que altamente favorecedor do indicativo e verbo do tipo *querer* favorecedor do subjuntivo.

Apresentamos, a seguir, os tempos verbais dessas orações.

Tabela 2: Tempo verbal da oração principal e tempo verbal da oração subordinada

Tempo verbal da oração principal	Tempo verbal da oração subordinada		
	Presente	Imperfeito	Perfeito
	Ocorr. subj./Total	Ocorr. subj.Total	Ocorr. subj./Total
1. Presente	77/310=25%	5/34=15%	-
2. Pret. Perfeito	1/3=33%	9/52=17%	-
3. Imperfeito	-	27/48=56%	-
4. Fut. do Prét.	-	11/11=100%	-

Encontramos, no *corpus* em estudo, as seguintes combinações em função do tempo, conforme especificado na tabela acima. A seguir, os exemplos.

Presente/presente

A) *DOC: O que você acha da Igreja Católica?*

INF: *É: eu ACREDITO que: ela SEJA/ ela SEJA ótima pra vida... (APT, m, F2, E3).*

Se usarmos o critério da substituição, é possível substituir o subjuntivo pelo indicativo, ou seja, é possível dizer “acredito que ela é ótima pra vida” sem alterar o significado referencial da frase. Assim, em verbos com tempo presente cujo verbo principal é acreditar a alternância é possível.

1) Presente/imperfeito

B) *Eu ACHO que ele ERA um espírito -murmúrios- de evolução e que ele ficou na terra esse tempo pra::: ajudar aquelas pessoa aquelas pessoa que procurava ele' né? (FCO - F - FIII - 0).*

C) *eu ACREDITO que:: ele/ que eles num **tinha**/ num **TENHA** a/ a/ a **OBRIGAÇÃO** DE ajudar a um/ uma família carente' por que não **TEM**' e mesmo se tivesse (APT - M - FII - 9 A 11)*

O dado **C** é interessante porque demonstra, na própria fala do informante, que a alternância é possível, contudo faz-se importante analisar cada ocorrência, já que o uso do indicativo da primeira oração exprime a avaliação de um evento que se pressupõe já acontecido, portanto, anterior ao momento da fala: “X não tinha obrigação de ajudar a família (...) porque não tem algo”. O falante recorre imediatamente ao subjuntivo que parece exprimir a noção semântica de avaliação/opinião por parte do falante sem um alto comprometimento com o dito. Nesse caso a forma subjuntiva exprime um evento atemporal. A mudança do tempo/modo pode alterar o significado modal da sentença.

Interessante observar, nos dados analisados, que as orações com presente na matriz e imperfeito do indicativo na encaixada exprimem, em geral, a opinião do falante de eventos situados, já ocorridos.

2) Pretérito Perfeito/Presente

D) *É, as pessoas que eu tive oportunidade de conversar **ACHEI** que eles **FALA** correto (MSL_122 - FIII - 9 a 11 - F).*

E) *O que ela me **PEDIU** é que eu nunca **DESPREZE** ela, nunca deixe ela sozinha, (ILO - FI - 1 a 4 - F).*

O dado **D** permite a alternância do modo indicativo pelo subjuntivo: “achei que eles falassem correto”, já o exemplo **E** só permite o subjuntivo na encaixada. O verbo da oração principal parece reger o uso do modo da encaixada.

3) Pretérito Perfeito/Imperfeito

F) *Eu **ACHEI** que o Kung Fu **FOSSE** um esporte' assi:m' violento que me ensinasse realmente como se bater eu disse' não' vô fazer (JBX. - M - FI - 9 A 11).*

G) *Eu **ACHEI** que **FICAVA** muito cansativo' ai num dava pra mim fazer as duas coisas (RBF - M - Faixa II - 5 A 8).*

No exemplo **F**, é possível o uso do **indicativo** na oração encaixada sem alterar o significado referencial da sentença: “Achei que o Kung Fu **Era** um esporte assim ...”. Contudo, a seleção do uso do subjuntivo na encaixada reforça a hipótese, ancorada na oração principal, pelo predicador *achar*, de o falante julgar/avaliar/achar o Kung Fu um esporte violento. Em **G**, o falante avalia um evento que já ocorreu, podemos concluir pela sentença que segue “aí num dava para mim fazer as duas coisas”. Nesse caso, o emprego do indicativo na oração encaixada modaliza a força asseverativa do conteúdo informativo da sentença, mas o falante opina/avalia/ posiciona-se diante de algo já ocorrido, vivenciado. Evidenciam-se, nesses dados, os usos prototípicos dos modos verbais: indicativo certeza, eventos factuais, já ocorridos, conhecidos pelo

falante e subjuntivo eventos hipotéticos, não-factuais em que o falante conjectura a cerca de algo.

4) Imperfeito/Imperfeito

H) *Eu QUERIA dizer para eles que pela necessidade dos dias de hoje né? Necessidade desse capitalismo agitado' o mercado de trabalho cada vez menor cada um dele BUSCASSE cada vez mais é:: tudo para que eles consigam é' ser cada vez melhores no que escolherem, né? (MRRS - M - FI - + DE 11).*

I) **DOC:** *E na cozinha, você costuma fazer algo especial?*

INF: *Quando tem condições eu sempre fa:co.*

DOC: *Você poderia me dar uma receita assim... bem deliciosa?*

INF: *Ah' curiosa.*

DOC: *((risos))*

INF: *Você' você/ eu PENSAVA que FOSSE/ que fosse trazer a receita, não. Mais é ... na cozinha geralmente eu sigo a minha vontade, num sabe" se um menino diz' mamãe faz um doce de co:co' então eu vou: e faço o doce de co:co. (M. C. A. - F - Faixa II - : 9 a 11).*

Os dados encontrados no *corpus* com imperfeito são em sua maioria com verbos volitivos, verbos amplamente favorecedores do subjuntivo. No exemplo I, o falante supõe, em tom de brincadeira, que o documentador traria a receita. Esse dado confirma a descrição da tradição normativa: em suposições, hipóteses, usa-se o subjuntivo.

5) Futuro do Pretérito/Imperfeito

I) *E::u GOSTARIA que todo cidadão FOSSE político' não é ser político somente aquele que exerce a função' que exerce um cargo público' mas que a gente aprendesse a questionar fato por fato (JNS - M - FIII - + de 11).*

As 11 ocorrências do tempo verbal futuro do pretérito/imperfeito foram marcadas pelo subjuntivo. Nesses ambientes, o falante projeta sonhos, desejos, vontades, ou nas palavras de Ribeiro (1914), a frase exprime *cousa incerta*. Nesses casos, a tendência é o uso do subjuntivo. Não houve alternância dos modos nesses contextos de uso, trata-se, portanto, uso categórico nos dados de fala analisado.

No *corpus*, os tempos verbais mais recorrentes foram o presente e o imperfeito, tempos que podem ocorrer no indicativo e no subjuntivo. O pretérito perfeito não há dados com subjuntivo. Ocorrências com esse tempo assinalam eventos já ocorridos, certos, em que o falante não avalia, não conjectura, mas relata fatos. Por outro lado, as 11 ocorrências com futuro do pretérito na matriz e imperfeito na encaixada marcam 100% de subjuntivo. Essas orações, em geral, nos dados, exprimem significados de desejo, volição, exprime, portanto, temporalidade prospectiva. Contexto prototípico de uso da forma subjuntiva.

Dos tempos verbais, sob controle, o maior percentual de uso do modo subjuntivo, afora as orações com futuro do pretérito, é referente às orações no tempo pretérito imperfeito/pretérito imperfeito.

Contudo, faz-se importante esclarecer que estamos até aqui, analisando todos os dados da rodada que tem na oração principal verbos volitivos *querer, desejar, esperar*, ou verbos do tipo *saber* favorecedores do indicativo na encaixada ou verbos cognitivos *pensar, acreditar, achar* que favorecem um ou outro modo na subordinada. Dessa forma, se as orações no tempo imperfeito tiverem como preenchedores da oração principal verbos volitivos, a probabilidade de o modo da oração subordinada ser subjuntivo é alta por sabermos ser esse verbo da ordem semântica predominantemente da “incerteza”, conforme atestam os dados, área de atuação do modo subjuntivo.

Por fim, os resultados assinalam a importância do grupo de fatores carga semântica do verbo da oração principal sob o fenômeno. Em razão disso, acreditamos ser importante analisar o grupo de fatores tempo verbal em correlação com esse grupo. Os resultados da rodada encontram-se na tabela abaixo.

Tabela 3: Tempo verbal da oração principal e tempo verbal da oração subordinada verbos cognitivos na oração principal

Tempo verbal da oração principal	Tempo verbal da oração subordinada	
	Presente	Imperfeito
	Ocorr. subj/Total	Ocorr.subj./Total
1. Presente	34/235= 14%	2/24=8%
2. Pret. Perfeito	-	2/17=12%
3. Imperfeito	-	1/14=7%

Como é possível observar, os dados do imperfeito/imperfeito no subjuntivo caíram de 56% (cf. tabela 2) para 7%. Nesses casos, os verbos que motivaram o percentual de 56% de imperfeito do subjuntivo na encaixada foram verbos volitivos. Assim, corrobora-se a forte atuação da carga semântica do verbo da oração principal. O único dado que aparece com subjuntivo está explicitado, a seguir.

Imperfeito/Imperfeito⁴

Eu pensava que FOSSE/ que fosse trazer a receita, não mais é/ na cozinha geralmente eu sigo a minha vontade, num sabe eu num tenho inveja de quem sabe cozinhar não (M. C. A. - F - Faixa II - : 9 a 11).

O tempo presente/presente apresentou 14% de uso do subjuntivo, presente/imperfeito 8% e pretérito perfeito/imperfeito 12%. Percebe-se que a forma indicativa é mais recorrente do que a forma subjuntiva, sinalizando que a forma subjuntiva é preferencialmente selecionada quando o ambiente linguístico é amplamente favorecedor dessa forma.

Com base nos resultados da tabela 3, em termos de tendência semântica e morfossintática, orações subordinadas com no tempo presente do indicativo/presente e imperfeito do indicativo/imperfeito favorecem a alternância modal.

⁴ Consideramos o tempo verbal de acordo com a perspectiva da gramática tradicional. Não estamos levando em conta, neste trabalho, o tempo como uma categoria semântica.

Orações no pretérito perfeito/imperfeito tendem a favorecer o indicativo. Do total de 17 dados, apenas 2 casos apresentaram o uso do subjuntivo. Orações no imperfeito/imperfeito também apresentaram baixo índice de uso do subjuntivo (7%).

Em geral, o valor semântico dos verbos da oração principal parece vigor com diversos graus de influência o fenômeno em estudo, conforme atesta Perini (1998). Contudo, embora o modo indicativo tenha sido mais produtivo no *corpus* do que o subjuntivo, julgamos precipitado afirmar que o subjuntivo encontra-se esvaecido. O subjuntivo suplantou o indicativo em orações com verbos com valor semântico de desejo, projeção, hipótese e em orações no futuro do pretérito/imperfeito.

A alternância modal é recorrente em contextos semânticos de opinião, avaliação com verbos no presente/presente. Eventos ocorridos, já vivenciados pelo falante favorecem o uso do indicativo, confirmando o quadro proposto por Givón (2001) que estabelece a relação modalidade factual/tempo passado ou presente. Contudo se a proposição exprime desejos, sonhos, eventos não-factuais, ainda não ocorridos, o subjuntivo é requerido.

Faz-se importante ressaltar que mesmo em contextos de alternância, nem sempre a mera substituição de um modo por outro garante o mesmo significado referencial o que implica dizer que a alternância é possível, em termos de tendência, com verbos do tipo *achar, pensar, acreditar*, mas não em todos os ambientes linguísticos. Esse dado sinaliza para a necessidade de ampliação do *corpus* com ampla variedade de verbos, bem como para a necessidade de definir de forma criteriosa a regra variável.

Em geral, o grupo de fatores tipo de verbo da oração principal é quem detém a força modal da oração, contudo o tempo verbal e o valor semântico da sentença exercem fortes motivações na seleção do modo da oração subordinada.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O exposto acima nos permite concluir, com base nos resultados apresentados, a forte influência do verbo da oração principal em correlação semântica e morfossintática com o tempo verbal para a seleção do modo em português. É importante ressaltar que o tempo verbal da oração encaixada pode restringir ou favorecer a alternância dos modos indicativo/subjuntivo. Nesse sentido, não houve, por exemplo, variação quando o verbo da oração principal estava no pretérito perfeito do indicativo, como sabemos esse tempo demarca eventos acontecidos, completos, o falante exprime atitude de certeza, excluindo a possibilidade do subjuntivo. Proposições com verbos no futuro do pretérito na oração principal apresentaram 100% de uso do subjuntivo, ou seja, contexto de uso categórico. Esses verbos, no corpus analisado, exprimiam desejos, possibilidades e projetavam eventos hipotéticos, não-factuais.

Por fim, há muito que se trilhar na análise do modo em português. Os tempos verbais precisam ser recortados, definidos também em função de sua natureza semântica e suas peculiaridades, faz-se necessário refinar e ampliar os tipos de verbos que favorecem a alternância, bem como definir/refinar as noções modais expressas nas orações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Hebe Macedo. A alternância indicativo/subjuntivo em orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri. 2007. 150p. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Ceará, 2007.

CUNHA, Celso; **CINTRA**, Lindley Felipe. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DOMINGOS, Rosemary de Fátima de Assis. Variação no uso do pretérito imperfeito (indicativo e subjuntivo) na função de cotemporalidade a um ponto de referência passado. 2004. 134p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

GIVÓN, Talmy Syntax: an introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, Talmy. Functionalism and grammar. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, Talmy. Syntax - a functional-typological introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

LABOV, William. Principles of linguistic change: internal factors. v. 1. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. Principles of linguistics change: Social factors. Malden, Massachussets-USA:Blackwell, 2001.

LABOV, William. Sociolinguistic patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

PERINI, Mário. Gramática Descritiva do Português. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

POPLACK, Shana. The inherent variability of the French subjunctive. In: Theoretical Analyses in romance linguistics. Amsterdam: John Benhamins publishing company, 1992. (p. 235-263)

RIBEIRO, Julio. Grammatica Portugueza. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & C., 1914.

ROCHA, Rosa Cecília. A alternância dos modos indicativo/subjuntivo em orações subordinadas substantivas em português.1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

SAID ALI, Manoel. Gramática histórica da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1966.

SERAINE, Floriano. Introdução ao Atlas linguístico e folclórico do Cariri. In: Revista do Instituto do Ceará, 86, Fortaleza, 1972. (p.5-23).

Recebido em 30/11/2009

Aceito em 07/11/2009